

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2003

ANTONIO MENESES

Violoncelo

MENAHÉM PRESSLER

Piano



Votorantim

www.votorantim.com.br

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2003



ANTONIO MENESES
Violoncelo

MENAHÉM PRESSLER
Piano



patrocínio

BOVESPA
A Bolsa do Brasil

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



Telefônica

Votorantim



ANTONIO MENESES *Violoncelo*

Nascido em Recife, em 1957, Antonio Meneses descende de uma família de músicos e começou a estudar violoncelo aos dez anos de idade. "Descoberto" pelo violoncelista Antonio Janigro, durante uma turnê Sul-americana do artista, aceitou o convite de Janigro para completar sua formação na Europa, onde estudou em Düsseldorf e depois em Stuttgart. Meneses despontou no cenário europeu da música erudita em 1977, ao receber o Primeiro Prêmio do Concurso de Munique. Cinco anos depois, ao conquistar o Primeiro Prêmio e a Medalha de Ouro da edição de 1982 do Concurso Tchaikovsky de Moscou, o violoncelista daria impulso definitivo a sua carreira internacional.

Desde então, Meneses vem-se apresentando como solista ao lado de orquestras como as Filarmônicas de Berlim, Moscou e São Petersburgo, as Sinfônicas de Londres e da *BBC* de Londres, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, a *Orchestre de la Suisse Romande*, a Sinfônica de Viena e as Filarmônicas de Nova Iorque e de Israel. O elenco de maestros com os quais já colaborou inclui grandes nomes da regência orquestral da segunda metade do século XX: Karajan, Mutti, Mariss Jansons, Abbado, Previn, Andrew Davis, Bychkov, Blomstedt, Sanderling, Neeme Järvi, Rostropovich e Penderecki, dentre outros. Presença constante nos mais prestigiosos eventos musicais europeus, Antonio Meneses dedica-se também à música de câmara, por meio de colaborações com o pianista Nelson Freire, com o Quarteto *Casals Hall* do Japão, de que é um dos fundadores, com os Quartetos Vermeer, Amati e Carmina e, ainda, com o Beaux Arts Trio, de que é violoncelista desde a Temporada 1998/1999.

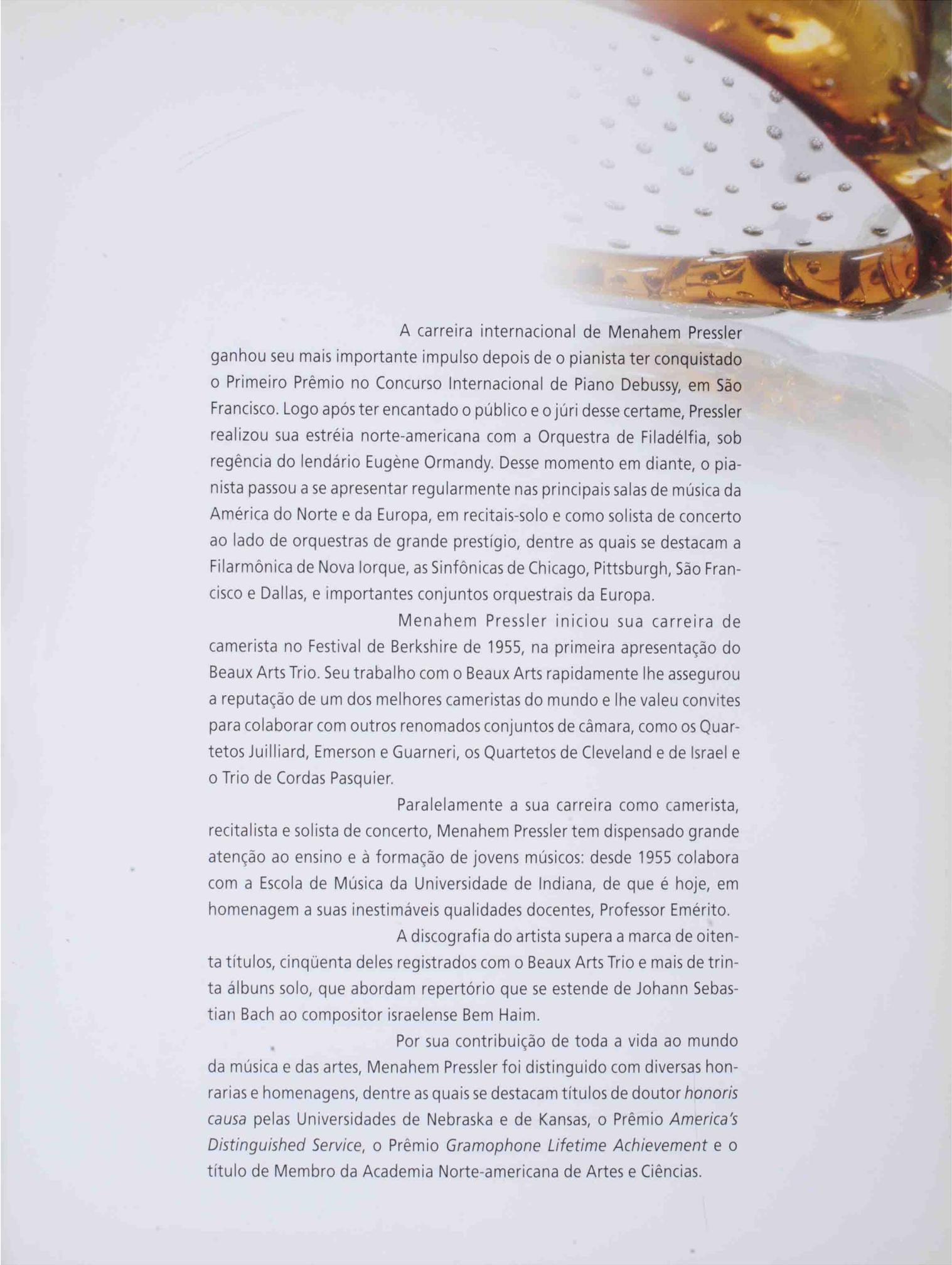
A discografia de Antonio Meneses inclui os seguintes títulos: Concerto Duplo, de Brahms (ao lado de Anne-Sophie Mutter, com a Filarmônica de Berlim, regência de Karajan); *Don Quixote*, de Richard Strauss (com Karajan e a Filarmônica de Berlim); Integral das Seis Suites para Violoncelo Solo, de Bach; Três Concertos para Violoncelo, de C. P. E. Bach (com a Orquestra de Câmara de Munique, regida pelo violoncelista); álbuns com peças pouco divulgadas, como o Concerto para Violoncelo, de Eugène d'Albert, e Obras para *Cello* e Orquestra, de David Popper (ambos com a Orquestra Sinfônica da Basileia, regência de David Zollman); Concertos para Violoncelo e Orquestra e Fantasia para Violoncelo e Orquestra, de Villa-Lobos; e, mais recentemente, os álbuns Integral das Obras para Violoncelo e Piano de Villa-Lobos, com a pianista Cristina Ortiz, e *Celissimo*, com peças curtas para violoncelo e piano, com Gérard Wyss.

Meneses dedica-se também ao ensino de seu instrumento, no Conservatório da Basileia e em *master classes* que tem ministrado na Europa, nos Estados Unidos e no Japão.



MENAHEM PRESSLER *Piano*

Nascido em Magdeburg, na Alemanha, Menaheim Pressler realizou sua formação musical em Israel e a partir dos anos 1950 radicou-se nos Estados Unidos. Membro fundador e pianista do Beaux Arts Trio, Pressler é um dos mais destacados musicistas da atualidade: sua carreira se estende por quase cinco décadas como camerista e solista de concerto aclamado nas principais cidades do mundo. Sua interpretação sempre inspirada e precisa e seu extraordinário conhecimento da literatura pianística e camerística contribuíram para que ele se firmasse também como um dos grandes professores de sua geração.



A carreira internacional de Menahem Pressler ganhou seu mais importante impulso depois de o pianista ter conquistado o Primeiro Prêmio no Concurso Internacional de Piano Debussy, em São Francisco. Logo após ter encantado o público e o júri desse certame, Pressler realizou sua estréia norte-americana com a Orquestra de Filadélfia, sob regência do lendário Eugène Ormandy. Desse momento em diante, o pianista passou a se apresentar regularmente nas principais salas de música da América do Norte e da Europa, em recitais-solo e como solista de concerto ao lado de orquestras de grande prestígio, dentre as quais se destacam a Filarmônica de Nova Iorque, as Sinfônicas de Chicago, Pittsburgh, São Francisco e Dallas, e importantes conjuntos orquestrais da Europa.

Menahem Pressler iniciou sua carreira de camerista no Festival de Berkshire de 1955, na primeira apresentação do Beaux Arts Trio. Seu trabalho com o Beaux Arts rapidamente lhe assegurou a reputação de um dos melhores cameristas do mundo e lhe valeu convites para colaborar com outros renomados conjuntos de câmara, como os Quartetos Juilliard, Emerson e Guarneri, os Quartetos de Cleveland e de Israel e o Trio de Cordas Pasquier.

Paralelamente a sua carreira como camerista, recitalista e solista de concerto, Menahem Pressler tem dispensado grande atenção ao ensino e à formação de jovens músicos: desde 1955 colabora com a Escola de Música da Universidade de Indiana, de que é hoje, em homenagem a suas inestimáveis qualidades docentes, Professor Emérito.

A discografia do artista supera a marca de oitenta títulos, cinquenta deles registrados com o Beaux Arts Trio e mais de trinta álbuns solo, que abordam repertório que se estende de Johann Sebastian Bach ao compositor israelense Bem Haim.

Por sua contribuição de toda a vida ao mundo da música e das artes, Menahem Pressler foi distinguido com diversas honorarias e homenagens, dentre as quais se destacam títulos de doutor *honoris causa* pelas Universidades de Nebraska e de Kansas, o Prêmio *America's Distinguished Service*, o Prêmio *Gramophone Lifetime Achievement* e o título de Membro da Academia Norte-americana de Artes e Ciências.

MANTENEDORES E AMIGOS – 2003

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida (in Memoriam)
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Ermirio de Moraes
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Junior
Beatriz Botelho Hime
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Erico Stickel
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gerard Loeb
Helio Mattar
Henrique e Eduardo Brenner
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner

Jorge Diamant
José Carlos Moraes de Abreu
José e Priscila Goldenberg
José E. Mindlin
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Nelio Garcia Barros
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Paulina P. Nemirovsky
Paulo Proushan
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Roberto e Yara Baumgart
Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbivcher
Sérgio Almeida de Oliveira
Theodoro Jorge Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
1 mantenedor anônimo

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Aluizio Guimarães Cupertino
Aluizio Rebello de Araújo
Amélia de Giacomo
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnoldo Wald
Bruno Musatti
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Halaban
Cláudio R. Cernea
Dario Chebel Labaki Neto
David Casimiro Moreira
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo M. Zobaran
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias Rocha Barros
Elio Sacco
Elisa Wolinec



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Endoclínica de São Paulo S/C Ltda.

Enzio Abruzzini

Fabio Carramaschi

Fabio Konder Comparato

Felipe e Hilda Wroblenski

Fernando K. Lottenberg

Fernão Carlos B. Bracher

Francisco H. de Abreu Maffei

Genuína Lindoya

George Fukui

George Longo

Gerry Lingfield

Giovani Guido Cerri

Hannelore Kersten Wolff (in Memoriam)

Heinz Jorg Gruber

Helcio Ivo Pereira

Heloisa Lourdes Alves Motta

Heraldo Luis Marin

Hilda Mayer

Horácio Leirner

Horácio Mário Kleinman

Ines Lília R. Braghetto

Izabel Sobral

Jacques Caradec

Jairo Cupertino

Jayme Rabinovich

João Batista Raimo Junior

José Avelino Grota de Souza

José Luiz de Freitas Valle

Kalil Cury Filho

Katalin Borger

Lelena e Sérgio Mindlin

Leon Reitzfeld

Lia Fukui

Lília Salomão

Lina Saigh Maluf

Livraria Cultura Editora Ltda.

Lucila Pires Evangelista

Lucília Diniz

Luiz Roberto de Andrade Novaes

Marcello Benevides

Marcelo e Rita Secaff

Marco Antonio Fanucchi

Marcos Flávio Correa Azzi

Maria Bonomi

Maria Carolina Brando

Maria de Los Angeles Fanta

Maria Helena de Albuquerque Lins

Maria Malta Campos

Maria Stella Moraes R. do Valle

Maria Tereza Gasparian

Mário Higino N. M. Leonel

Marta D. Grostein

Michelle Luigi Pennavaria

Miguel Juliano

Miguy Azevedo Mattos Pimenta

Milu Villela

Morvan Figueiredo de Paula e Silva

Neli Aparecida de Faria

Nelson Vieira Barreira

Olga Tieppo

Oscar Lafer

Paulo de Tarso C. Opice

Paulo Tomas Diamant

Paulo Yokota

Rafael Jordão Motta Vecchiatti

RCS Corporate Finance

Regina Weinberg

Ricardo Feltre

Ricardo Ramenzoni

Rita de Cássia Caruso Cury

Roberto Bumagny

Roberto Calvo

Roberto Mehler

Rubens Halaban

Rubens Muskat

Rui Fontana Lopez

Ruy George Fischer

Ruy Souza e Silva

Salvador F. Conti

Sérgio Leal Carvalho Guerreiro

Sérgio Nicastrí

Sylvia Kovarick

Tamas Makray

Tarcísio Vieira Ramos

Thomaz Farkas

Thyrso Martins

Ulysses P. Eduardo Jr.

Waldir Lopes Ponçano

Walter Ceneviva

17 amigos anônimos

ANTONIO MENESES

Violoncelo

MENAHEM PRESSLER

Piano

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

As Sonatas e as Peças para Violoncelo e Piano

Série Branca

25 de agosto, segunda-feira, 21h

Sonata nº 2, em Sol menor, opus 5-2

Adagio sostenuto e espressivo

Allegro molto più tosto presto

Rondó: Allegro

Sonata nº 4, em Dó maior, opus 102-1

Andante

Allegro vivace

Adagio

Tempo d'andante

Allegro vivace

INTERVALO

**12 Variações, em Sol maior,
sobre *See the conqu'ring hero comes,*
de *Judas Maccabeus*, de Haendel, WoO 45**

Sonata nº 3, em Lá maior, opus 69

Allegro ma non tanto

Allegro molto

Adagio cantabile

Allegro vivace

Série Azul

26 de agosto, terça-feira, 21h

**12 Variações, em Fá maior,
sobre *Ein Mädchen oder Weichben,*
de *A Flauta Mágica*, de Mozart, opus 66**

Sonata nº 1, em Fá maior, opus 5-1

Adagio sostenuto

Allegro

Allegro vivace

**7 Variações, em Mi bemol maior,
sobre *Bei Männern, weiche Liebe fühlen,*
de *A Flauta Mágica*, de Mozart, WoO 46**

INTERVALO

Sonata nº 5, em Ré maior, opus 102-2

Allegro con brio

Adagio con molto sentimento d'affetto

Allegro

Allegro fugato

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Série Verde

27 de agosto, quarta-feira, 21h

**7 Variações, em Mi bemol maior,
sobre *Bei Männern, weiche Liebe fühlen*,
de *A Flauta Mágica*, de Mozart, WoO 46**

Sonata nº 3, em Lá maior, opus 69

Allegro ma non tanto
Allegro molto
Adagio cantabile
Allegro vivace

INTERVALO

Sonata nº 4, em Dó maior, opus 102-1

Andante
Allegro vivace
Adagio
Tempo d'andante
Allegro vivace

Sonata nº 5, em Ré maior, opus 102-2

Allegro con brio
Adagio con molto sentimento d'affetto
Allegro
Allegro fugato

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2003 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

PRÓXIMOS CONCERTOS

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

IVÁN FISCHER *Regente*

16 de setembro, terça-feira

Stravinsky Jeu de Cartes

Bartók Suíte de Dança

Schubert Sinfonia nº 9

17 de setembro, quarta-feira

Stravinsky Jeu de Cartes

Bartók Suíte de Dança

Schubert Sinfonia nº 9

18 de setembro, quinta-feira

Milhaud La Création du Monde

Dohnányi Minutos Sinfônicos

Beethoven Sinfonia nº 4

TEMPORADA 2003

abril 7, 9 e 10

NATHALIE STUTZMANN *Contralto*

INGER SÖDERGREN *Piano*

maio 13, 14 e 15

ORQUESTRA DE CÂMARA DE MOSCOU

CONSTANTINE ORBELIAN *Regente*

VLADISLAV LAVRIK *Trompete*

maio 28 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

JAN WILLEM DE VRIEND *Regente*

JACQUES ZOON *Flauta*

junho 10 e 11 – Sala São Paulo

 **ORQUESTRA SINFÔNICA DE MILÃO GIUSEPPE VERDI**

OLEG CAETANI *Regente*

NELSON FREIRE *Piano*

junho 23, 24 e 25

EUROPA GALANTE

FABIO BIONDI *Violino Solista e Regente*

julho 7, 8 e 9

QUARTETO ALBAN BERG *Cordas*

agosto 18, 19 e 20

ENSEMBLE TM+ *Música Contemporânea*

LAURENT CUNYOT *Regente*

SYLVIA VADIMOVA *Mezzosoprano*

agosto 22 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA – Sala São Paulo

CORO BACH DE MAINZ E SOLISTAS

ORQUESTRA JOVEM DA ALEMANHA

RALF OTTO *Regente*

agosto 25, 26 e 27

ANTONIO MENESES *Violoncelo*

MENAHM PRESSLER *Piano*

setembro 16, 17 e 18

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA

IVÁN FISCHER *Regente*

setembro 29, 30 e outubro 1º

MUSICA ANTIQUA KÖLN | REINHARD GOEBEL

outubro 6, 7 e 8

CAMERATA STRUMENTALE CITTÀ DI PRATO

E CANTORES SOLISTAS

ALESSANDRO PINZAUTI *Regente*

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil

Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br





BEETHOVEN, O REVOLUCIONÁRIO

Beethoven não foi apenas o mais completo e inventivo herdeiro da melhor tradição musical austro-germânica, representada por Haydn e Mozart no final do século XVIII. Ele tornou-se, igualmente, um dos mais revolucionários compositores de toda a História da Música Ocidental. Nesse sentido, sua radical trajetória – a evocar a figura vertiginosa de uma espiral ascendente – costuma lembrar somente a de Claudio Monteverdi, um renascentista que “inventou” o barroco, e a de Anton von Webern, o pós-romântico que se tornou sinônimo da modernidade em desbravadora ponta de lança.

Visto hoje como poderoso e indiscutível Michelangelo da música, é forçoso reconhecer que cultura alguma, além da ocidental, pode se dar ao luxo de exibir um músico que, como Beethoven, tenha para ela um papel tão fundamental quanto o dele, que chega a extrapolar até mesmo o domínio artístico. Para nós ocidentais, Beethoven continua a encarnar um novo *Prometeu* – o portador da flama da consciência humana, inteligente, criativa, essencialmente boa e sensível. *Prometeu*, personagem mítica que lhe era tão cara a ponto de ter-lhe dedicado uma música de balé, um conjunto de variações pianísticas e o movimento final da Terceira Sinfonia, a “Heróica”.

Beethoven mostrou-se capaz de se impor tanto como músico incomum quanto como homem de idéias liberais, muitas das quais influenciadas pela Revolução Francesa. Dessa maneira, ele acabou por marcar sua época e mesmo a posteridade com as garras de um gênio sempre muito combativo. Clássico na medida em que sempre operou sobre as formas anteriormente exploradas por Mozart e Haydn, ele contudo mostrou-se um prenunciador do Romantismo, movimento estético que ainda estava por vir. Isso através de múltiplos gestos – musicais ou não – francamente libertários, muitos deles modelares, de grande atualidade ainda hoje.



Agradecemos aos patrocinadores que nos têm prestigiado nos últimos anos.

AFAA – Association Française d’Action Artistique

American Express

BankBoston

Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia

Cigna

Citibank

Daimler Chrysler

Eldorado FM

Fundação Japão

Indústrias Votorantim

Itaú Seguros

Jornal O Estado de S. Paulo

KPMG

Pechiney

Pinheiro Neto Advogados

Semp Toshiba

Telefônica

Unibanco – Prever

Volkswagen

WestLB Banco Europeu

Sim, não há dúvidas de que Beethoven manteve-se fiel aos quadros formais do Classicismo do século XVIII. Mas é igualmente verdade que ele os explorou de maneira tão profunda e renovadora que, com freqüência, tais parâmetros pareceram irreconhecíveis aos seus primeiros ouvintes. E por ter injetado na música um caráter nitidamente pessoal, atribuindo uma significação inédita à sua arte, a qual via como "revelação mais alta que a filosofia", ele foi tomado, não sem razão, como um autêntico profeta pela primeira geração romântica de compositores. Esta, como se sabe, foi encabeçada por Berlioz, Liszt, Schumann e Chopin. É possível arriscar: reconhecendo nele uma personalidade tão única e superior, foi a própria posteridade imediata do Mestre de Bonn que o transformou em patriarca do Romantismo.

Mas como fica a velha equação "clássico pela forma, romântico pelo conteúdo"? Na verdade, há mais de um século e meio que esta vem sendo a questão posta com mais freqüência quando se fala do fenômeno Beethoven. Neste início de século, momento em que a distinção entre "fundo" e "forma" já é dada como bastante relativizada e deixou de ser tratada como uma dicotomia de opostos irreconciliáveis, podemos perceber tal indagação sob outro prisma.

No que se refere às formas, o tratamento dado a elas por Beethoven, sobretudo na fase final de sua carreira, representa um salto para dentro do desconhecido da própria linguagem musical. Isso leva a acreditar que o artista sentia, então, a necessidade de repensar os arcaísmos formais profundamente, dando a eles o sabor da efetiva descoberta. Nessa dimensão, ele pode ser considerado até mesmo um artista bem mais complexo, de maior caráter exploratório que os primeiros românticos.

Quanto ao "conteúdo" – ou à gesticulação retórica ou, ainda, à chamada "expressividade" das obras –, Beethoven acentuou o procedimento de agenciar em um mesmo trecho musical elementos fortemente contrastados. Sobre tal coisa, Carl Philipp Emanuel Bach, outro grande explorador do universo sonoro, já havia se debruçado na primeira metade do século XVIII. Retomando esse gesto do mais inovador dos filhos de Johann Se-

bastian e abrindo as represas da "emoção contida" durante a era de Haydn e de Mozart, Beethoven radicalizou as "tempestades da alma" de C. P. E., lançando-as em direção ao futuro, para dentro do coração selvagem dos românticos iniciais.

A MÚSICA DE CÂMARA

Na numerosa música de câmara de Beethoven localizamos alguns dos traços fundamentais de sua personalidade criativa. Aí está, por exemplo, o seu pendor pela exploração técnico-estilística do discurso musical, aventura que o levou a inéditas paragens artísticas. E, igualmente, o gosto pela extroversão dos estados anímicos mais recônditos, furtivos e misteriosos do seu mundo psicológico. E mais: o abandono dos esquemas ligados às formas musicais relacionadas ao mero entretenimento, em favor de obras mais substanciais, composicionalmente mais densas, dessas que ainda fazem dançar muitos gêneros de neurônios – dos ligados às percepções de diagramas àqueles mergulhados no mundo das emoções do não dizível.

Com sua produção camerística, Beethoven pretendeu, por certo, exprimir-se da maneira mais íntima possível e, simultaneamente, tocar o mais fundo da sensibilidade do ouvinte. Ao lado de partituras destinadas a formações instrumentais diversas, o compositor legou-nos algumas séries pensadas para grupos específicos – duos, trios e quartetos

Por seu caráter de inovação radical, o ciclo dos seus dezessete Quartetos de Cordas é, sem sombra de dúvida, o mais assombroso da música ocidental em seu gênero. Só é comparável a outro ciclo, o das trinta e duas Sonatas para Piano do mesmo artista. Outro grupo memorável de obras camerísticas do Mestre de Bonn é o de sete Trios para Piano e Cordas, formação muito abordada por Haydn, que o discípulo soube renovar, outorgando a ele uma respiração por assim dizer sinfônica. E, dando um novo peso à presença instrumental dos parceiros postos em jogo, Beethoven assinou dez Sonatas para Violino e Piano. Elas, além de experimentações de toda ordem, exigem virtuosismo igual dos intérpretes. E mais: possuem superfícies cintilantes que enredam o melômano a uma primeira audição.



Revista CONCERTO.
A boa música mais perto de você.

Assinaturas tel. (11) 5535-5518

www.concerto.com.br

CONCERTO
GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA



AS OBRAS PARA VIOLONCELO E PIANO

Aperfeiçoado na segunda metade do século XVI pelo italiano Andrea Amati, o violoncelo começou a interessar os compositores no final da Renascença. Durante o Barroco, foi defendido com brilho superior por Locatelli, Leo, Bononcini e Bassevi, dentre outros. Bach escreveu para o *cello* solo uma concentrada coleção de suítes e o endiabrado Vivaldi entregou-lhe alguns dos concertos mais esfuziantes de sua furiosa imaginação.

Durante o Classicismo, conceberam-se obras importantes para o violoncelo, sobretudo nos domínios da música de câmara (os quintetos de Boccherini) e da música sinfônica (as sinfonias e os concertos de Haydn). Mas ao que tudo leva a crer, nenhum contemporâneo importante desses músicos clássicos imaginou compor sonatas para violoncelo e piano. Assim, quando Beethoven resolveu colocar no papel as duas sonatas dedicadas ao rei da Prússia, em 1796, ele estava inaugurando um gênero sem precedentes. Ao lado disso, espantava os ouvintes por tratar os vários movimentos das obras com formatos de inesperada variedade. Seu estilo, bastante juvenil, ainda era muito ligado aos de Mozart e Haydn, as figuras máximas do seu panteão.

As duas primeiras Sonatas para Piano e Violoncelo, *opus* 5 – a nº 1, em Fá maior, a nº 2, em Sol menor – foram compostas quando Beethoven, aos 26 anos, passava por Berlim e se apresentava na corte do rei Frederico-Guilherme II. O compositor as escreveu pensando no grande virtuose Duport, primeiro violoncelo do rei. Quando publicadas, em 1797, traziam a indicação: “para cravo ou forte piano com violoncelo *obligato*”. Nesse caso, tanto a idéia de dar maior importância ao teclado quanto a alternativa da sua escolha final remontam às deliciosas Sonatas para Teclado e Violino de Mozart.

A próxima obra importante que Beethoven concebeu para o *cello* é a Sonata nº 3, em Lá maior, *opus* 69, de 1807/1808. Assim, ela pertence à chamada “segunda maneira” do compositor, e portanto à sua primeira maturidade, época das Sinfonias de números 4, 5 e 6. Sobre essa obra disse o musicólogo Lewis Lockwood: “As soluções encontradas na *opus* 69 para os problemas de escala, de sonoridade relativa e de

equilíbrio entre os dois instrumentos evidenciam-se como uma realização tão importante quanto a originalidade e a qualidade das idéias puramente musicais”.

No decorrer da “terceira maneira” – a radicalíssima fase final da criatividade beethoveniana –, o artista sente-se sob um duplo e tenso impulso: o de assumir velhas formas herdadas do Classicismo e o de remodelá-las em profundidade, levando-as às bordas da dissolução. Inaugurando esse instante surgem, em 1815, suas últimas partituras importantes para duo de piano e violoncelo, catalogadas sob a indicação de *opus* 102. Nelas entrecruzam-se a liberdade do pensamento rapsódico e a vontade de construção lógica da forma-sonata, as harmonias ousadas e as evocações da “arcaica” escritura à base das fugas polifônicas. Partituras profundamente intelectualizadas, elas contudo exibem fisionomias preñhes de expressividade, o que concorre para a sua comunicabilidade.

As três séries de Variações para Violoncelo e Piano de Beethoven têm menor importância que suas sonatas. Mas contêm a *griffe* (no sentido de “garra”) do compositor, o que garante o prazer e o interesse da sua escuta. As 12 Variações para Violoncelo e Piano sobre *See, the conqu'ring hero comes*, de *Judas Macabeus*, de Handel, *WoO* 45 (quer dizer, *Werke ohne Opuszahl*, obra sem número de *opus*), são de 1796. Já as 12 Variações sobre *Ein Mädchen oder Weibchen*, de *A Flauta Mágica*, de Mozart, *opus* 66, parecem datar de 1798. E as 7 Variações sobre *Bei Männern, welche Liebe fühlen*, também de *A Flauta Mágica*, catalogadas como *WoO* 46, talvez tenham sido escritas em 1801.

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Design gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Textos sobre compositor e obras SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Tradução EDUARDO BRANDÃO

Fotos DIVULGAÇÃO

Assistente de design FREDERICO PERRET

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Fotolitos e impressão OESP GRÁFICA

CURSOS CULTURA ARTÍSTICA 2003

SEGUNDO SEMESTRE

OITO NOITES NA ÓPERA

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas

4^{as} feiras, das 20h30 às 22h30

Iniciação à compreensão da Música Clássica do Ocidente.

6 de agosto

Os vários tipos de vozes empregados na ópera

13 de agosto

A ópera – dos inícios ao auge do Barroco

10 de setembro

O Classicismo – de Glück a Mozart

24 de setembro

A ópera romântica italiana

15 de outubro

A ópera romântica germânica

22 de outubro

A ópera nacionalista

5 de novembro

O Verismo e Puccini

19 de novembro

A ópera no século XX

OITO GRANDES COMPOSITORES – SÉRIE II

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas

3^{as} ou 4^{as} feiras, das 20h30 às 22h30

Aspectos da produção de alguns dos principais criadores da música ocidental, proporcionando uma iniciação à poética e ao "fazer" de oito artistas que se encontram entre os fundamentais da História da Música.

12 de agosto, 3^a feira

Vivaldi

2 de setembro, 3^a feira

Haydn

9 de setembro, 3^a feira

Beethoven

21 de outubro, 3^a feira

Chopin

29 de outubro, 4^a feira

Brahms

4 de novembro, 3^a feira

Mahler

12 de novembro, 4^a feira

Schoenberg

26 de novembro, 4^a feira

Villa-Lobos

ATENÇÃO

serão cinco 3^{as} feiras e três 4^{as} feiras

JAZZ

ZUZA HOMEM DE MELLO

Curso em 8 aulas

Início 1º de setembro

INFORMAÇÕES E VENDAS DE AULAS AVULSAS: 3258 3344, DAS 12H ÀS 17H.



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica, patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

www.telefonica.com.br

Telefônica